



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

A Internacionalização dos Periódicos Científicos Brasileiros

O Fórum de Editores Científicos da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), criado em outubro de 2014 no âmbito da Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação, congrega os periódicos científicos da instituição e a Editora Fiocruz. O Fórum apoia os editores na garantia da ética na publicação científica, por meio da associação ao Committee on Publication Ethics (Cope), fortalece a política de acesso aberto da Fiocruz, favorece a profissionalização e o desenvolvimento tecnológico de seus periódicos e estabelece uma plataforma na Internet para disseminação destas publicações, incorporando novos meios de divulgação da produção científica e ampliando a participação nas redes sociais. Constitui também o Fórum de Editores Científicos da Fiocruz um espaço para o debate político sobre a ciência brasileira e sua disseminação.

Vive-se no Brasil um grande crescimento da produção científica, com expressivo aumento do número de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. Segundo a Thomson Reuters, entre 2002 e 2012 a publicação de artigos científicos brasileiros na *Web of Science* cresceu 145%. Apesar do dinamismo recente da ciência brasileira e dos estímulos das agências de fomento como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), seu desempenho no âmbito global é considerado limitado, ainda que seja o mais expressivo entre países do Hemisfério Sul. Argumenta-se que a participação de pesquisadores brasileiros em artigos com colaboradores internacionais praticamente não tem crescido em muitas áreas da pesquisa, o que reflete sua limitada participação em redes de pesquisa internacionais.

O crescimento da publicação científica brasileira também foi estimulado pelos mecanismos de avaliação de pesquisadores e de cursos de pós-graduação que induzem ao aumento do número de publicações em periódicos bem classificados. Modelos de avaliação científica foram objeto de debates recentes e estão resumidamente apresentados na Carta de São Paulo do Fórum de Editores de Saúde Coletiva da Abrasco, realizado em novembro de 2014.

A publicação científica, parte essencial do processo de produção de conhecimento, encontra-se hoje em um momento de profundas mudanças no âmbito internacional. O modelo de pequeno negócio baseado em periódicos individuais financiados pela venda das revistas a bibliotecas e pesquisadores está sendo substituído por um modelo de negócios oligopolizado, controlado por grandes *publishers*, que reúnem número cada

vez maior de periódicos, com margens de lucro bastante superiores às obtidas em outros prósperos ramos de negócios. Soma-se a isso o fato de que grande parte das pesquisas divulgadas nos artigos é financiada por recursos públicos.

Com a crescente migração dos periódicos para formato eletrônico, em plataformas mais ou menos sofisticadas na Internet, os *publishers* passam a comercializar o espaço para que os autores publiquem seus artigos. A publicação passa a ser financiada – em alguns casos, mas não em todos – não mais pelo leitor, mas pelo autor, o que em muitos casos amplia os percentuais de lucratividade.

Nesse mercado editorial, surgem simultaneamente novos atores: os *publishers* ditos predadores, que aceitam qualquer artigo, bastando pagar, e os *mega journals*, que criticam o artigo do ponto de vista metodológico e ético mas não restringem a publicação por critérios como relevância ou avanço científico. Esses novos atores argumentam que a seleção realizada pelos editores pode ser feita pelos próprios leitores e que bons trabalhos independem do veículo e sempre serão valorizados. Cabe lembrar que neste momento publicam-se na Internet 1.500.000 artigos científicos por ano e que o primeiro *mega journal* (*PloS One*) já comemorou 100.000 artigos publicados.

Nesse contexto de grande movimentação no mercado editorial científico internacional surgem no Brasil e em outros países movimentos importantes visando à internacionalização e profissionalização de seus periódicos científicos.

A internacionalização da publicação científica deveria ser o resultado virtuoso de políticas de pesquisa voltadas para incentivar colaborações entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros em diversos âmbitos, e não um fator desencadeante dessas práticas. Dificilmente estímulos na produção editorial por si sós serão capazes de alterar genuinamente o atual quadro de colaboração internacional acadêmica. Portanto, esse debate deve se fazer de modo articulado com as políticas tanto de pesquisa quanto de ensino do país. Consideramos que a internacionalização é obtida não por meio de regulamentos e políticas imediatistas, mas como parte de um processo multifacetado no qual coexistem diversas políticas editoriais, o que demanda políticas e investimentos públicos de médio e longo prazos.

Dois movimentos no sentido da internacionalização dos periódicos brasileiros têm merecido discussões aprofundadas no Fórum de Editores da Fiocruz.

O primeiro foi da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que colocou em debate um modelo de internacionalização que envolveria a contratação de um ou mais grandes *publishers* comerciais internacionais para disseminar cem periódicos brasileiros de diversas áreas do conhecimento. Em reunião com editores-chefes, a Capes informou que o processo se daria por meio de licitação e os periódicos seriam selecionados com base em critérios preestabelecidos.

A política de internacionalização da Capes parece, assim, ter se alinhado com o modelo dos grandes *publishers* comerciais internacionais. Entretanto, simplesmente copiarmos o

modelo de negócios dos grandes *publishers* para termos projeção internacional não é factível. O desempenho de nossas revistas será medido por critérios estabelecidos, em grande parte, para garantir os interesses ligados ao novo modelo de negócios no mundo da publicação científica. Ter o artigo divulgado em um portal em meio a duas mil revistas, possivelmente em um subportal Capes, como chegou a ser apresentado por alguns *publishers* presentes à reunião da Capes, faria a ciência brasileira mais visível internacionalmente? Mudaremos nossa posição no *ranking*, ou permaneceremos na base agora da pirâmide de publicações de um *publisher* internacional? Do ponto de vista dos *publishers*, o interesse é óbvio: garante-se um mercado representado pelas revistas mais importantes de cada área, mantidos os lucros absurdos. O *publisher* entra com a tecnologia de um portal, o Brasil entra com o todo o resto e paga por isso. Não se conhece nenhum estudo que tenha avaliado o impacto dessas medidas de internacionalização desejadas por gestores científicos, editores e, principalmente, pelos cientistas nas distintas áreas do conhecimento.

O segundo movimento partiu do programa The Scientific Electronic Library Online (SciELO). Pioneiro na estratégia de acesso aberto, esse programa colaborou bastante para o aperfeiçoamento da gestão editorial e para a internacionalização dos periódicos brasileiros, representando avanço enorme em sua visibilidade, assim como naquela de seus congêneres latino-americanos, espanhóis, portugueses e sul-africanos. Ao mesmo tempo, o SciELO passou, ao longo do tempo, a permanecer na dependência quase exclusiva de uma única agência estadual, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), ressentindo-se, dessa forma, da falta de apoio de outros órgãos de fomento, estaduais e federais.

Recentemente o SciELO alterou sua estratégia para a profissionalização e internacionalização dos periódicos incluídos em suas coleções. A mudança de critérios para a permanência ou inclusão de periódicos em suas coleções suscitou muitas questões relacionadas ao seu papel e àquilo que se pretende no tocante a publicações científicas e ao acesso aberto no Brasil.

No modelo de internacionalização proposto pelo SciELO, alguns critérios têm potencial para diminuir a qualidade dos artigos publicados, na medida em que, para atendê-los, editores pautariam sua decisão editorial não na qualidade do artigo, mas na sua origem – nacional ou internacional. Critérios rígidos de participação de pareceristas e editores estrangeiros podem ferir a autonomia editorial. A exigência de publicação de 80% (critérios para área da saúde) em inglês pode diminuir a penetração de alguns artigos da Saúde Coletiva entre os profissionais da saúde e gestores do Sistema Único de Saúde (SUS). Publicações bilíngues aumentam os custos e nem sempre são necessárias. Além disso, em algumas áreas talvez seja mais relevante publicar o artigo em espanhol.

Sugere-se um olhar mais cuidadoso para as especificidades e os percalços de cada área, reconhecendo-se que a internacionalização não é uma meta que deva ser seguida por todo periódico científico. Os novos critérios do SciELO devem ser flexíveis a ponto de permitir que o portal abrigue periódicos que não perseguem tal meta mas obedecem a

padrões mínimos de profissionalismo. Isso se aplica também aos periódicos da Fiocruz, que têm trajetórias, possibilidades e políticas editoriais diferentes, e, portanto, são impactados de diversas formas pelos novos critérios.

Por fim, a sustentabilidade, central na proposta do programa SciELO, aparentemente passa pelo pagamento do autor para a publicação de seu artigo (mesmo que assumido por um terceiro), inspirado no modelo de acesso aberto adotado pelos grandes *publishers*. Essa estratégia proposta pelo SciELO pode ser compreendida como motivada justamente pelo esforço de se contrapor à hegemonia crescente dos grandes *publishers*, mas deveria ser amplamente debatida com a comunidade científica nacional.

Alternativas ao modelo de negócios dos grandes *publishers*, como a retomada das editoras institucionais e universitárias, para dar sustentabilidade à disseminação da produção acadêmica de modo mais descentralizado e criativo, têm sido sugeridas por vários pesquisadores. Os repositórios institucionais representam também possibilidades para o florescimento de espaços onde se possa acessar a produção científica de forma ampla e livre.

Estas alternativas e possibilidades têm como fundo questões relacionadas à nossa política de C&T: que modelo de internacionalização está sendo buscado no Brasil? Como responderão nossos pesquisadores em universidades que têm, além da internacionalização, vários outros desafios a enfrentar? Qual será o impacto na ciência brasileira da adoção do modelo dos grandes *publishers*? A ciência brasileira internacionalizada dessa forma deixará de lado questões de pesquisa de maior interesse regional para se adaptar ao ambiente científico dos países que lideram a publicação científica de alto fator de impacto?

Pelo aqui exposto, o Fórum de Editores da Fiocruz se coloca como um espaço para a discussão e formulação de políticas editoriais e de C&T que garantam a independência de cada periódico e sejam pautadas na qualidade dos artigos e no amplo debate, nacional e internacional, da produção científica veiculada nas revistas.

Bibliografia consultada

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. 1^{os} Encontros Regionais de Membros Afiliados da Academia Brasileira de Ciências, 2012. Disponível em http://www.abc.org.br/article.php3?id_article=2754. Acesso em 14 dez. 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA. Carta de São Paulo: Fórum de Editores. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Saúde Coletiva, 2014. Disponível em <http://www.abrasco.org.br/site/2014/11/forum-de-editores-de-saude-coletiva-carta-de-sao-paulo/>. Acesso em 2 fev. 2015.

BENCHIMOL, J. L.; CERQUEIRA, R.C.; PAPI, C. Desafios aos editores da área

humanidades no periodismo científico e nas redes sociais: reflexões e experiências. *Educação e Pesquisa*, 40(2): 347-364, 2014.

CAMARGO, JR. K. R. Produção científica: avaliação da qualidade ou ficção contábil? *Cadernos de Saúde Pública*, 29: 1.707-1.711, 2013.

CUETO, M. Carta do editor. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 18(4): 979-984, 2011.

MOMEN, H. Institutional journals as an alternative model for open access. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 109: 847-848, 2014.

PACKER, A. L. A internacionalização dos periódicos foi tema central da IV Reunião Anual do SciELO. Disponível em <http://blog.SciELO.org/blog/2014/12/16/a-internacionalizacao-dos-periodicos-foi-tema-central-da-iv-reuniao-anual-do-SciELO/#.VJAw03VdVpQ>. Acesso em 14 dez. 2014.

VESSURI, H.; GUÉDON, J. C.; CETTO, A. M. Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development. *Current Sociology*; 61: 1-19, 2013.